

T. (283)
7/3/76



Gaza: ALDEIA COMUNAL





Construção de novas casas, construção de novas relações de trabalho, de um novo tipo de vida.

HERÓIS DE MOÇAMBIQUE



Trabalhos de abertura da Aldeia Comunal Heróis de Moçambique.

Tudo começou com a chegada ao Xai-Xai dos largos contingentes de desalojados das zonas baixas atingidas pelas cheias do Limpopo e Incomati. Havia que criar novos centros habitacionais e de produção para todo este vasto número de famílias camponesas. Avizinhava-se já a melhor oportunidade de se criar uma nova aldeia comunal, mais um embrião da nova vida, do novo homem.



Na produção colectiva a tarefa do homem é a da mulher. Na produção capitalista as tarefas do homem condicionam-no a julgar-se superior à mulher.

Depois de terem reunidos com os desalojados recolhidos no Xai-Xai, e de lhes terem proposto a determinação, a Sede do Partido de Gaza em colaboração com os Serviços provinciais de Obras Públicas lançaram-se ao trabalho de planeamento e mobilização para a construção da nova aldeia comunal. O local, escolhido pelos camponeses desalojados em conjunto com a Sede do Partido foi uma larga extensão de terra com mais de cinco quilómetros quadrados e localizado a cerca de vinte quilómetros da cidade de Xai-Xai, numa zona de transição de floresta galeria para floresta virgem. O acesso a este local é relativamente fácil; pois dista apenas um a dois quilómetros da estrada nacional n.º 1.

No que diz respeito ao planeamento da nova Aldeia Comunal, ela deverá reunir mais de duzentas famílias, instaladas em quatro lotes, tendo cada lote cinquenta famílias, em talhões de cinquenta por setenta metros. Em cada talhão será construída uma casa que sendo de alvenaria terá 3 quartos, duas

salas, uma casa de banho e cozinha, ou de construção com materiais diversos (nomeadamente caniço, maticada ou madeira), terá também 3 quartos, mas apenas uma sala, sendo a latrina e a cozinha externas à moradia. Portanto, cada família terá uma casa que ocupará um terço ou metade do talhão, e o restante terreno será destinado a pequenas criações de animais domésticos e uma pequena machamba de cultivo familiar, onde serão produzidos artigos de consumo imediato. Os talhões estão separados por pequenas ruas com a largura de três metros e trinta, os quais convergem para as ruas principais. No centro destes quatro lotes, será construído ainda um lote central que englobará, o Posto de Saúde, os diversos Serviços Públicos, a Sede do Partido, o quartel das FPLM, a escola primária, a loja do Povo através da qual serão abastecidas as populações dos produtos não produzidos pela aldeia, o mercado onde as populações trocarão entre si os produtos produzidos nas suas pequenas machambas de cultivo familiar, e se deci-

dirá sobre o rumo a dar aos produtos em excesso no campo de produção colectivo, o complexo desportivo e o jardim infantil. O campo de colectivo distará alguns metros da aldeia, e nele trabalharão todos os habitantes da aldeia comunal, alternadamente numa parte do dia.

MOBILIZAÇÃO GERAL NA CONSTRUÇÃO DA ALDEIA

Porque a aldeia comunal será o embrião da vida colectiva, do novo homem e da discussão e resolução dos problemas que de individuais passarão a existir como problemas colectivos, porque a sua construção bem como o seu funcionamento deverão ser fruto do trabalho colectivo, e ainda porque dela não só receberão frutos económicos, políticos e ideológicos, aqueles que nela viverem mas também todos os que com ela estiverem em contacto, um contacto não só frutuoso mas necessário, decidiu-se que tanto na abertura como na sua construção não deviam apenas participar aqueles que nela irão viver mas to-



FPLM: armas apontadas contra os reaccionários e estrangeiros na defesa dos interesses da classe operário-camponesa do povo moçambicano

dos aqueles que para lá se pudessem deslocar engajando-se no árduo trabalho da sua construção.

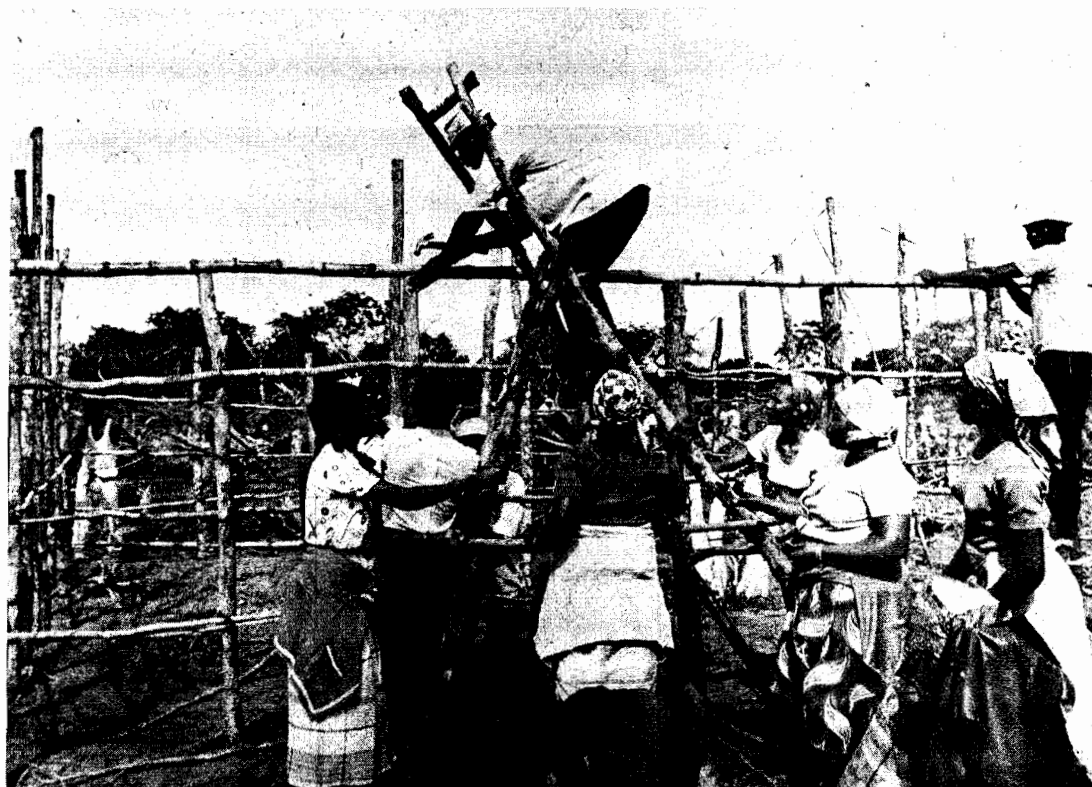
Assim através de uma forte mobilização popular que reuniu mais de 12 mil pessoas no local destinado à construção da aldeia comunal, procedeu-se no dia 3 de Fevereiro à sua abertura. A dinamizar a primeira fase da construção, à abertura, esteve presente o Governador da Província camarada Fernando Matavele, bem como todos os quadros do Partido e das FPLM provinciais. Participando de uma forma activa no árduo trabalho colectivo, ao mesmo tempo que ouviam através da Rádio a reunião do camarada Presidente com a população do Maputo naquela manhã, a população mobilizada que contava com a ajuda de apenas dois tractores para abrir as picadas, conseguiu com o seu trabalho desbravar cerca de dois quilómetros quadrados de floresta virgem e construir ainda algumas casas. Por outro lado os distritos que por se encontrarem muito distantes do local de construção da nova aldeia comunal não puderam contribuir





Em cima: A libertação da mulher far-se-á pela produção. Os ritos de iniciação, lobolo, poligamia, casamentos prematuros, superstição encontrarão na Aldeia Comunal a sua destruição.

Ao lado: Camponeses e operários ligaram os seus conhecimentos para que a Aldeia dos Heróis de Moçambique possa ser uma realidade e tire do perigo das cheias de Gaza 200 famílias.



com material humano, não se desligaram da importância da sua construção e funcionamento estando até agora a contribuir activamente para a sua construção enviando material de que o local não dispõe, nomeadamente as estacas para armação das casas que são enviadas pelo distrito de Manjacaze.

Visitamos a aldeia comunal no dia 25 de Fevereiro. Ao chegarmos ao local, deparamos com um frenético movimento de gente, quer martelando traves que irão servir de armação às novas habitações, quer a cortar toros, desbravar terreno, medir campos, a carregar material, etc. A actividade era bem patente neste movimentar de gente que parecia ser uma grande família como se se conhecessem todos desde os primeiros passos. Por outro lado se os homens carregavam toros e martelavam pregos, não significava que não se vissem mulheres a fazer o mesmo, velhos a carregar toros mulheres a cortá-los revezando-se com homens. Não havia crianças a brincar em fantasias, (brincando talvez a cortar árvores, elas se sentissem felizes), não havia desmaios de senhoras, nem velhos debaixo de sombras. Eram os camponeses, camponeses no trabalho.

Depois de falarmos com o responsável do Partido pela aldeia comunal que nos esperava e nos deu indicações sobre o planeamento e surgimento da aldeia, quisemos saber a origem dos camponeses que aí iriam viver e qual a mobilização que tinha libertado a sua iniciativa, em viver na nova aldeia comunal. Para isso contactámos um homem que carregava um toro para a construção de um armazém de ferramentas e que nos disse:

— Eu vivia no Jevucaze, uma zona que foi ocupada pelas cheias. Eu sou mineiro e trabalho no Djone (África do Sul) e quando soube que a minha mulher perdeu a casa e toda a cultura voltei para lhe ajudar a fazer a casa e resolvemos vir viver para esta aldeia comunal com os nossos cinco filhos. A minha mulher é camponesa e vai ficar aqui a trabalhar, eu volto para o Djone trabalhar e hei-de vir cá algumas vezes trabalhar quando estiver de férias.

Mais à frente para sabermos qual a amplitude ideológica e de mobilização que existia nas mulheres daquela nova aldeia comunal contactámos uma camponesa que nos disse:

— Vim aqui viver depois do sítio onde vivia e trabalhava ter sido invadido pelas águas. O governo recolheu-nos e depois perguntaram se nós queríamos construir a aldeia. Por isso viámos. Gostamos de viver desta maneira porque temos o apoio do nosso governo e vivemos em conjunto. Eu sou camponesa



Vim de Cabo-Verde, agora moro no Xai-Xai e sou moçambicana, estou aqui a ajudar os outros camaradas

e se o campo colectivo for lá (no sítio onde eu vivia e trabalhava) não me importo de para lá ir trabalhar mas para viver será melhor viver aqui acho que aqui vivendo juntos todas as coisas vão correr melhor.

Ao continuarmos o contacto com os futuros habitantes da nova Aldeia Comunal contactámos um homem que aproveitava a estrutura de uma nova casa:

Tempo: Como se chama o camarada?

— Chamo-me Francisco Afonso.

T: — Está a construir a sua casa ou casa de outras pessoas que vêm viver aqui?

— Estou a fazer a minha casa.

T: — Qual é a sua profissão?

— Sou carpinteiro. Sou de Inhambane, e estou agora a viver e trabalhar no Xai-Xai.

T: — Mas agora vem viver aqui?

— Não, trabalho na cidade.

T: — Então não disse que a casa que está a construir era sua?

— Sim a casa é minha como é de todos, não importa quem venha viver aqui. É uma casa do Povo e tem tanta importância como a minha casa. A casa do meu irmão é a minha casa.

Contactámos ainda outro homem que desenvolvia o mesmo trabalho que este:

T: — Está a fazer a sua casa ou está a ajudar a fazer a casa de outras pessoas?

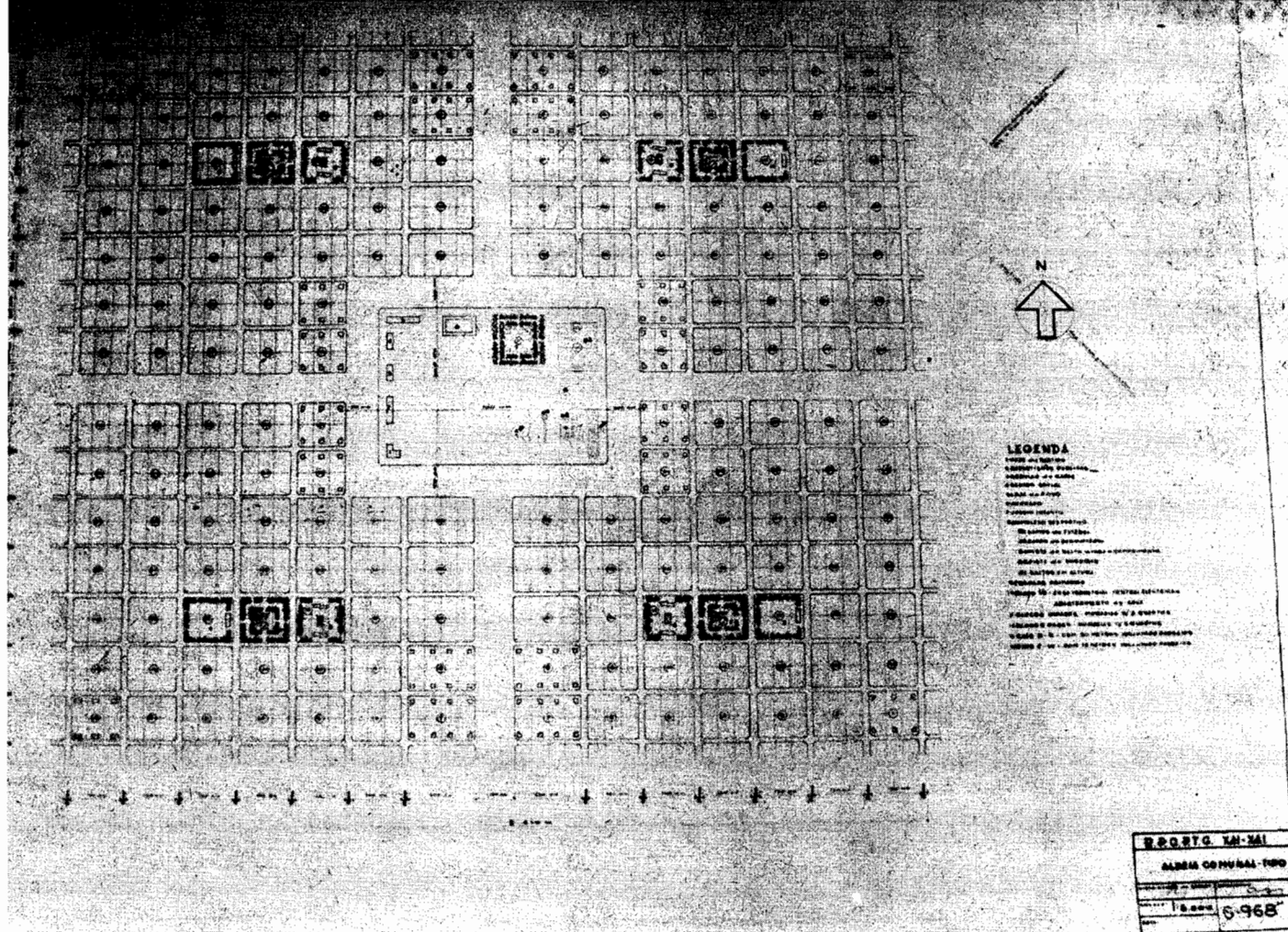
— Estou a fazer a casa do Povo.

T: — Qual é a sua profissão e onde é que trabalha?

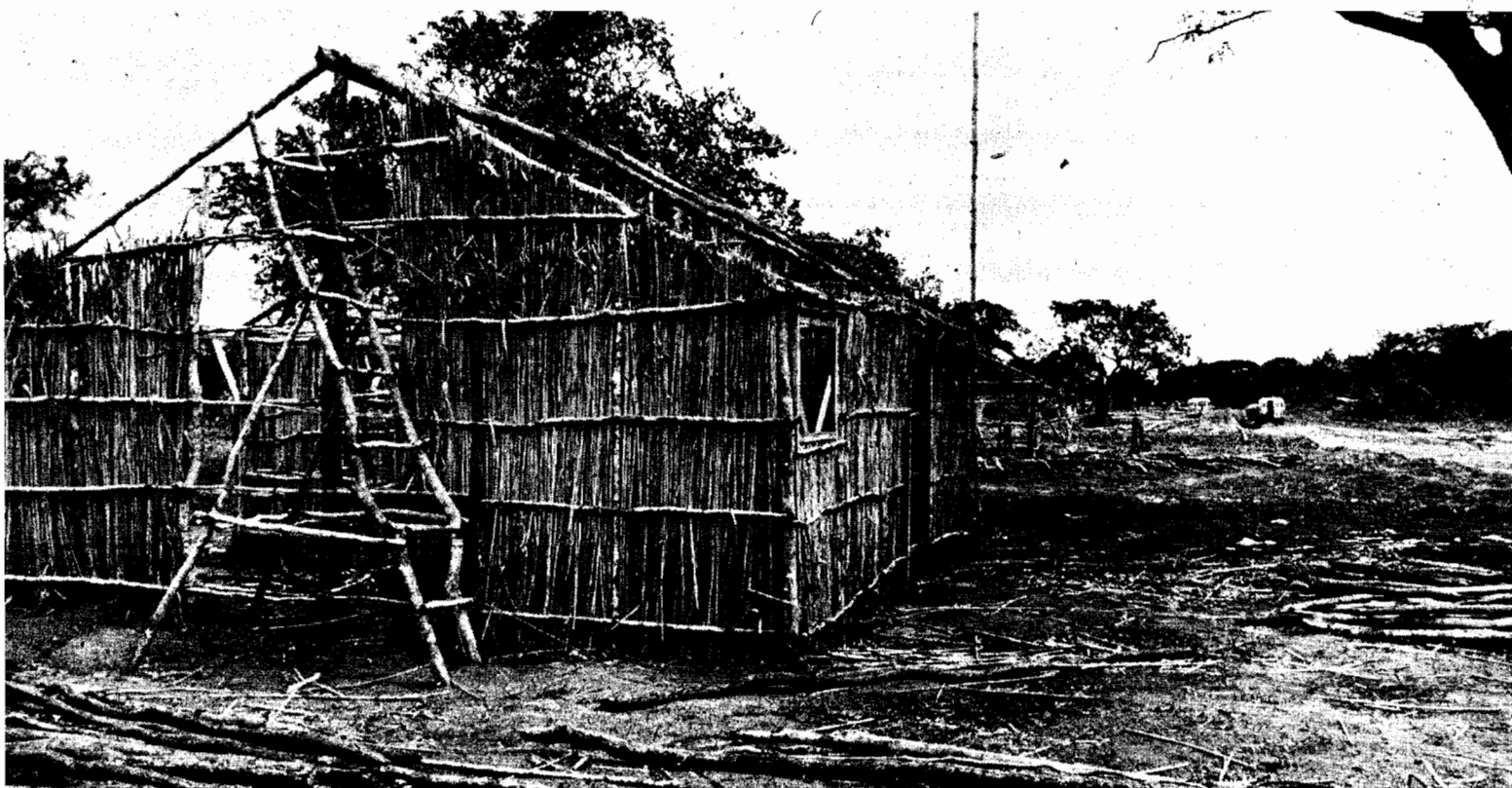
— Sou carpinteiro dos Caminhos de Ferro.

T: — Mas de manhã vem aqui trabalhar não?

— Sim, venho aqui ajudar a fazer casas para os outros porque estão a sofrer ali onde as cheias chegaram. E estou satisfeito por poder fazer isso porque há muito tempo que eles queriam sair das águas, mas apesar de dizerem para eles saírem eles não podiam sair porque não tinham sítio nem organiza-



Plano geral da Aldeia Comunal. Ao centro o local onde ficará a Sede do Partido, hospital, escola, loja do Povo, centro social, repartições públicas e jardim infantil.



Aspecto de uma das muitas casas que estão a ser construídas.



Dia 3 de Fevereiro: camarada Fernando Matavele durante a sua alocução depois dos primeiros trabalhos de abertura da aldeia.



O Governador de Gaza explicando a organização da aldeia.

ção para poderem começar uma outra vida. Mas quando veio o nosso governo, conseguiu arranjar maneira deles poderem vir viver todos juntos para este local aqui, organizando-os. Vim aqui pela primeira vez no dia 3 de Fevereiro dia dos Heróis Moçambicanos, e foi por isso que nós chamámos esta aldeia aldeia dos Heróis de Moçambique, e depois nunca mais deixei de cá vir. E penso que preciso de continuar a cá vir para trabalhar ajudando estas pessoas a construir as suas casas, a sua nova vida. Até aqui não tive problema nenhum e estou contente por fazer este serviço.

Mas à frente, ao vermos uma mulher de machado na mão a cortar um tronco quisemos saber se também trabalhava na construção da sua casa ou se ajuda a construir casas para outros camponeses que irão viver nela. Assim falámos com ela.

T: — Onde vivia a camarada?

— Vim de Cabo-Verde, depois tui pa-

ra São Tomé e de lá vim para aqui. Agora moro no Xai-Xai, no bairro nove.

T: — E vem para aqui viver ou não?

— Não, estou aqui a ajudar os outros camaradas.

T: — E vem todos os dias aqui?

— Todos os dias não, dias sim e dias não, porque sou camponesa e trabalho na terra ao pé do sítio onde moro.

T: — E como é que a camarada pensa que vai ser a vida aqui e na aldeia comunal. Vai viver cada um a sua vida sozinha?

— Cada um não! Acho que aqui somos todos irmãos e vamos resolver os problemas todos juntos, os nossos problemas são problemas de todos, vivemos todos uma vida que é de todos. Não sei se aí há outra ideia, mas esta é a minha ideia, é a nossa ideia.

T: — A camarada continua Cabo-Verdiana ou já é moçambicana?

— Agora sou moçambicana.

Vimos a saber que tanto como a maior parte dos operários e funcioná-

rios bem como os camponeses do distrito de Xai-Xai que vêm alternadamente trabalhar todos os dias a esta aldeia, os estudantes participam activamente na construção da aldeia comunal todos os domingos.

Ao continuarmos a nossa visita à nova aldeia comunal deparámos com um elemento das Forças Populares com a arma às costas cortando um tronco ao lado de uma camponesa. Mas à frente um grupo de elementos das FPLM trabalhava ao lado de alguns camponeses. Aproximámo-nos desse soldado e falámos com ele.

T: — De que quartel é o camarada?

— Do quartel do Xai-Xai.

T: — Veio cá destacado pelo comando?

— Sim vim cá destacado pelo comando e é a primeira vez que participo na construção de uma aldeia comunal.

T: — Vem cá todos os dias?

— Não esta é a primeira vez que cá venho. Todos os dias há um grupo diferente que vem aqui trabalhar ao lado dos camponeses.

Havia muito que ouvir dos camponeses desta aldeia, são camponeses e operários que sentiram ao lado das intempéries e da agressividade da natureza que os assolou à pouco tempo, a força da exploração e de opressão ideológica e cultural. A construção da aldeia comunal não é para eles determinação ou ordem do Governo, é uma iniciativa que eles próprios assumem, o governo é deles, eles identificam-se com as estruturas do Partido e do Governo, discutem os problemas e libertam a sua própria iniciativa criadora. A identificação cultural que os une, operários e camponeses, funcionários, soldados das FPLM, é algo de real, é algo que se traduz na prática. O operário trabalha a terra, o camponês corta tábuas. O soldado cava a terra, tão bem como um camponês atira uma lança. Os problemas que atravessam, problemas profundos como a fome e a habitação, são problemas que os assolam a todos, são problemas que se revelam na prática das suas relações da sua vida, das suas danças, das suas músicas, da sua expressão. As relações que as mulheres mantêm com os homens, são relações abertas simples que não escondem qualquer tipo de inibição ou complexo de culpa. As crianças e velhos não parecem sentir qualquer complexo de inutilidade, pois eles assumem os compromissos que aceitam.

A aldeia comunal será o centro onde eles irão reforçar a sua capacidade de luta, corrigir os erros que ainda mantêm no seio das suas relações.